

## A função motiva a gramática: evidências de construções (de estrutura argumental) em português

*Function motivates grammar: evidence from (argument structure) constructions in  
Portuguese*

Larissa Santos Ciríaco\*  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Resumo:** Todos nós sabemos que construções linguísticas apresentam uma produtividade restrita, admitindo novos usos ao mesmo tempo em que restringem as possibilidades. Muitas abordagens tentam dar razões para esse fato. Algumas tentam normalizar esses usos inusitados, buscando regras ou princípios generalizantes. Outras abordagens propõem condições semântico-lexicais, buscando propriedades das palavras que estariam em jogo. Mas a verdade é que ambas apresentam problemas e não conseguem explicar esse paradoxo. Assim, a pergunta que permanece é: por que usamos as construções da língua do modo que usamos? Neste artigo, argumentamos que uma abordagem construcionista baseada no uso é necessária para responder a essa pergunta, visto que só ela reconhece o significado e a função comunicativa como aspectos centrais para a gramática. Usamos vários exemplos ao longo do artigo para ilustrar o poder explanatório de uma abordagem construcionista baseada no uso frente a abordagens formalistas e lexicalistas, e para mostrar como a função motiva a sintaxe e a semântica tanto no caso de padrões mais gerais, como as construções de estrutura argumental ergativa e passiva, como nos casos de padrões oracionais mais especiais, como as extensões da construção transitiva “cortei o cabelo” e “casando a amiga”. Por fim, também abrimos uma agenda de estudos futuros com exemplos em português de uma construção inovadora, recentemente descrita em inglês por Goldberg e Shirtz (2025): a construção “frase como lema”.

**Palavras-chave:** ergativa, passiva, cortei o cabelo, casando a amiga, frase como lema.

**Abstract:** We all know that linguistic constructions have limited productivity, allowing for new uses while simultaneously restricting their possibilities. Many approaches attempt to explain this fact. Some try to normalize these unusual uses, seeking generalizing rules or principles. Other approaches propose lexical semantic conditions, searching for properties of words that might be at play. But the truth is that both present problems and fail to explain this paradox. Thus, the question that remains is: why do we use linguistic constructions the way we do? In this article, we argue that a usage-based constructionist approach is necessary to answer these question, since only it recognizes meaning and communicative function as central aspects of grammar. We use several examples throughout the article to illustrate the explanatory power of a usage-based constructionist approach compared to formalist and lexicalist approaches, and to show how function motivates syntax and semantics both in the case of more general patterns, such as the inchoative and the passive argument structure constructions, and in the case of more special patterns, such as the extensions of the transitive construction "I cut my hair" construction and "marrying my friend" construction in Portuguese. Finally, we also open an agenda for future studies with examples in Portuguese of an innovative construction, recently described in English by Goldberg and Shirtz (2025): the "phrase as lemma" construction.

**Keywords:** inchoative, passive, cut my hair construction, marrying my friend construction, phrase as lemma construction.

### 1 INTRODUÇÃO

\* Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG. Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: larissaciriac@ufmg.br.

Todos nós sabemos que o sentido de palavras e expressões da língua pode ser estendido criativamente para veicular novas mensagens. Um exemplo é quando partimos de expressões já familiares em português como “estar a A de B”, que seve para expressar distância no tempo ou no espaço (1), e estendemos esse sentido, criando novos usos (2):

- (1) a. “estou a dois passos do paraíso” (“A dois passos do paraíso”, Blitz)  
 b. “Tem a vantagem de estar a cinco minutos de carro de Inhotim.” (Corpus do Português)
- (2) a. “estou a um WhatsApp de distância de você” (c.p.)  
 b. “Torcida [...] leva o Belo a estar a dois jogos da Série B” (Corpus do Português)

A partir de expressões mais familiares como ‘estar a dois passos do paraíso’ - que significa que se está próximo de alguma localidade (ou situação percebida como boa e desejável) - e ‘estar a cinco minutos de Inhotim’ - que significa estar a uma distância que leva cinco minutos para ser percorrida até o destino -, produzimos novos sentidos que nos permitem: i) expressar a facilidade de acesso entre duas pessoas (2a), e ii) expressar a possibilidade de rebaixamento ou acesso de um time (2b). Nesses novos usos, novos conceitos são usados como medida de espaço-tempo (uma mensagem de WhatsApp e jogos respectivamente). Trata-se de extensões de sentido criadas em tempo real, que apresentam baixa frequência de ocorrência (há apenas 1 caso da construção em (2b) segundo o Corpus do Português), mas também há usos mais convencionais que instanciam a mesma construção (nesse caso, semi-preenchida, a saber “estar a x pontos de B”) e apresentam maior frequência de ocorrência segundo o corpus (23), como:

- (3) a. b. “A ex-líder do ranking chegou a estar a dois pontos do triunfo, mas acabou caindo” (Corpus do Português)

Esse uso criativo da linguagem, seja ele mais ou menos convencional, não acontece apenas em português. Em inglês, os falantes utilizam uma construção semelhante para veicular o mesmo sentido: “to be A away from B”, cujos exemplos mais convencionais expressam distância no espaço e no tempo como:

- (4) a. I’m 3 miles away from your house.  
 ‘estou a 3 milhas da sua casa’  
 b. She’s five minutes away from the university.  
 ‘ela está a cinco minutos da universidade’

Assim como os falantes de português, falantes de inglês também criam novos usos a partir desses usos mais familiares, veiculando o mesmo sentido de estar em contagem regressiva para um destino ou alvo. Exemplos mais criativos são:

- (5) a. I’m one stomach flu away from my goal weight (Emily, em “The Devil wears Prada”)  
 ‘estou a uma virose do meu peso alvo’

- b. I'm one number away from calling you (“One number away”, de Luke Combs)  
'estou a um número de ligar para você'

Apesar de produtiva, nem todos os casos imaginados a partir dessa construção em português (e, por suposto, em outras línguas) são possíveis. Por exemplo, não é possível dizer 'estou a dois aluguéis da minha casa própria' porque até onde sabemos aluguel não funciona como um estágio para se alcançar a casa própria. Ou seja, a construção 'estar a A de B' é produtiva, mas nem tanto. O mesmo acontece com construções de estrutura argumental (CEAs) e outros tipos de construções na língua: elas admitem novos usos, ao mesmo tempo em que restringem as possibilidades. Por causa disso, muitas abordagens tentam dar razões para esse fato. Algumas tentam normalizar esses usos inusitados, buscando regras ou princípios gerais que expliquem a produtividade restrita de construções na língua. Outras abordagens propõem condições semântico-lexicais, buscando propriedades das palavras que estariam em jogo. Mas a verdade é que ambos os tipos de abordagens apresentam problemas e não conseguem explicar esse paradoxo.

Assim, a pergunta que permanece é: por que usamos as construções da língua do modo que usamos? Neste artigo, argumentamos que uma abordagem construcionista baseada no uso é necessária para explicar esses fatos, visto que só ela reconhece o significado e a função comunicativa como aspectos centrais para a gramática. Anos de estudos no Brasil (Carvalho et al 2025; Alves e Pinheiro, 2023, Godoy e Pinheiro, 2023, Matos et al 2017, Sampaio, 2010, Miranda e Salomão, 2009, dentre inúmeros outros) e no exterior (Goldberg, 1995, 2006, 2019; Hoffmann, 2022; Hoffmann e Trousdale, 2013; Michaelis, 2009; Michaelis e Lambrecht, 1996, para citar alguns) demonstram as vantagens de abordagens construcionistas. Em particular, pesquisas já mostraram que os falantes aprendem prontamente as funções associadas com as construções e generalizam para além do *input* (dados) de forma espontânea com base nessas mesmas funções aprendidas (Perek and Goldberg, 2017). Também já foi mostrado que os falantes selecionam e combinam construções a partir de uma série de opções amplas e variadas para, frequentemente, produzirem atos de comunicação criativos (Goldberg and Herbst, 2021). Em outras palavras, a razão pela qual usamos as construções do modo que usamos é pelo fato de que a função motiva a gramática e qualquer análise de dados reais pode demonstrar isso, como veremos nas seções 3, 4 e 5 deste artigo, em que resultados de estudos anteriores são usados para mostrar como uma análise direta dos dados (ou uma simples busca em *corpus*) pode mudar o modo como vemos e explicamos os fatos da língua, favorecendo uma abordagem construcionista baseada no uso.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em abordagens construcionistas baseadas no uso, toda unidade da língua é tratada como uma construção - um pareamento convencionalizado de forma e função que emerge do agrupamento de instâncias semelhantes em nosso espaço conceitual hiperdimensional (Goldberg, 2019). A forma inclui aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos. É ela que informa à criança ou aprendiz se há alguma generalização em jogo. Já a função é usada como um termo guarda-chuva que indica como a construção é usada

convencionalmente na interação verbal, o que pode incluir aspectos como sentido, atitude, ato de fala, estrutura informacional (o que está em questão) e nível de formalidade. Em outras palavras, a função nos conta qual é o propósito da construção na interação ou no processo comunicativo. E onde podemos achar com facilidade como uma construção é usada? Em dados de uso real ou, simplificando, em um corpus. Assim, morfemas, palavras, expressões e padrões oracionais mais ou menos preenchidos e em níveis variados de complexidade e abstração são todos construções, mas aqui vamos focar nas expressões e sentenças.

	Expressão	Sentença
Lexicalmente preenchida	<i>cascar fora</i> (= sair correndo)	<i>eu vos declaro marido e mulher</i>
Parcialmente aberta	<i>estar a x de</i>	<i>onde fica x?</i>
Inteiramente aberta e abstrata	$x, y?$	<i>SVO</i>

Tabela 1: Exemplos de expressões e sentenças em português que variam em níveis de abstração

Boa parte da função de construções de estrutura argumental está no sentido que é comunicado. CEAs são construções que expressam cenas básicas da experiência humana e “quem fez o que a quem” (Goldberg, 1995) e por isso noções como papéis argumentais são importantes na delimitação de seu significado e sua função. Por exemplo, a construção transitiva exprime prototipicamente uma ação direcionada por um participante agente a outro participante paciente (Ciríaco, 2014), mas é importante notar que nem toda construção possui sentido. A construção de topicalização, por exemplo, não apresenta um significado, mas ainda assim tem uma função, que é a de dar proeminência ao assunto ou tópico discursivo.

Outras construções servem para comunicar a atitude do falante. Por exemplo, a expressão “ele, coordenador?” comunica incredulidade e até desprezo, já expressões como “pra quê estudar isso?” transmitem recusa. Em inglês, expressões como “it’s nice of you to call” traduzem o julgamento do falante sobre as ações de outra pessoa (Goldberg e Herbst, 2021) e podemos dizer que a construção correspondente em português “que gentil da sua parte ligar” também compartilha mais ou menos dessa mesma função.

Sem desconsiderar que demais propriedades discursivas possam estar presentes na função das construções já mencionadas, outras construções servem essencialmente para expressar um ato de fala como “eu vos declaro marido e mulher”, cuja função básica é oficializar a união de duas pessoas em matrimônio. A construção tem como função, portanto, a força de performar essa união matrimonial. E ainda outras podem servir para comunicar o que está em jogo no processo discursivo, se a informação em questão é nova e merece destaque ou se já é familiar aos interlocutores e implica em conhecimento

compartilhado. Um exemplo são casos como “até ele foi”, em que se focaliza a informação introduzida por ‘até’ dando a entender que essa nova informação é relevante e contraria a expectativa do interlocutor (Oliveira, 2023). Esse tipo de construção diz respeito, portanto, ao modo como a informação é embalada no discurso e por isso sua função se define majoritariamente por aspectos da estrutura informacional.

A principal vantagem de se reconhecer a função das construções linguísticas está no fato de que uma vez reconhecida, a função permite prever todas as propriedades da construção, não sendo necessário nenhum formalismo ou regras e postulados de nenhum tipo (Goldberg e Herbst, 2021). Identificar a função requer olhar para a construção diretamente, sem tentar encaixá-la em padrões gerais já estabelecidos, mas reconhecendo sua excepcionalidade. Apenas essa identificação direta, sem pretextos e sem o ímpeto de tentar normalizar o que é incomum, permite a observação de suas propriedades gramaticais e suas implicações retóricas como algo motivado ao invés de arbitrário (Goldberg e Shirtz, 2025).

Neste artigo, a função será usada para mostrar como a produtividade restrita de algumas construções do português é motivada. Como produtividade, entendemos a generalidade de alguns padrões, ou seja, o fato de as construções poderem ter espaços abertos e apresentar variabilidade (por exemplo, CEAs que são elaboradas por diferentes verbos), e sua extensibilidade, ou seja, a possibilidade de haver extensões de um sentido familiar e conhecido para novos usos e sentidos especiais (Barddal, 2006; Suttle e Goldberg, 2011).

### 3 CONSTRUÇÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL

#### 3.1 A CONSTRUÇÃO ERGATIVA

Como mencionado, construções de estrutura argumental possuem uma produtividade restrita que desafia as abordagens tradicionais. Um exemplo é a ergativa, que é uma construção intransitiva que possui a função de expressar, de forma concisa, uma mudança de estado (Ciríaco 2017):

- (6) a. “o acrílico não aguentou o peso da massa e quebrou” (Corpus do Português)
- b. “O agricultor não conseguiu esconder o medo mas logo acalmou quando percebeu que iria, apenas, arranjar as sobancelhas” (Corpus do Português)
- c. “Milionário e Bilionário nunca preocupou com ninguém.” (Corpus do Português)

Dada essa função, pode-se constatar que a forma SV da construção é motivada, visto que o objeto ou indivíduo que muda de estado é mapeado na posição mais proeminente da sentença, que é a de sujeito, quando, em alguns casos, poderia ser mapeado na posição de objeto da construção transitiva. Outro aspecto da forma da construção refere-se ao uso do clítico ‘se’, que pode aparecer sem alteração do sentido da construção:

- (7) a. “Durante a confusão, um vidro do plenário se quebrou.” (Corpus do Português)
- b. “com tudo o que a emissora afirmou, ele se acalmou.” (Corpus do Português)

c. “Nunca se preocupou com comentários e opiniões externas, diz irmão de Lage”  
(Corpus do Português)

Em trabalhos anteriores, o uso do clítico foi relacionado à função de desfocalização do agente (Ciríaco, 2011), mas hoje pensamos que parece estar mais relacionado a questões dialetais (em geral, falantes do dialeto falado em Belo Horizonte (MG), por exemplo, tendem a evitar seu uso), históricas (verbos que exprimem emoções e estados psicológicos parecem ter sido mais fortemente associados ao clítico no passado e por isso podem tender a favorecer sua permanência em alguns dialetos) e de nível de formalidade (registros mais formais podem tender pela manutenção do clítico).

O sentido da construção também é motivado. É a função que motiva o sentido da construção ergativa pois ele não pode ser inferido das partes ou da composição das partes que a formam, mas apenas do todo construcional. Em um primeiro momento, pode até parecer que são os verbos, ‘quebrar’, ‘acalmar’ e ‘preocupar’, que expressam mudança de estado, mas um olhar mais atento revela que isso se dá apenas porque aparecem no padrão oracional ergativo: ao participarem da construção transitiva, por exemplo, diria-se que expressam ação e causação. Como os verbos não mudam, esse sentido só pode ser do todo construcional. Sendo assim, dada a função de expressar uma mudança de estado, é possível prever que a construção veiculará o sentido de mudança de estado, e que esse significado estará associado à construção mesmo quando o verbo que a elabora não expressar esse sentido especificamente, como mostram os seguintes exemplos, em que os verbos ‘limpar’ e ‘lavar’, que expressam uma ação tipicamente agentiva na construção transitiva, passam a veicular um sentido de mudança na construção ergativa:

(8) a. “Meu pulmão limpou, diz.” (Corpus do Português)

b. “enquanto grita para o marido que a roupa está lavando.” (Corpus do Português)

Outra previsão que decorre da função da construção é o fato de que ela serve à desfocalização do agente, visto que ele não é codificado pela construção mesmo quando está disponível como participante no evento. Todas essas previsões não são possíveis em abordagens lexicalistas, que dependem que os verbos formem classes semânticas distintas para explicar as chamadas alternâncias argumentais em que eles aparecem (Ciríaco, 2011, Ciríaco e Cançado, 2009, Perini, 2005).

O sentido da construção ergativa também pode ser elaborado por verbos que não se associam à construção transitiva, como ‘amadurecer’, ‘sumir’ e ‘desmaiar’ (Ciríaco, 2017) - o que não é um problema para uma abordagem construcionista pois construções são unidades linguísticas independentes, mesmo estando relacionadas em rede. Esse tipo de constatação fica obscurecida em abordagens formalistas, que tratam construções como epifenômenos e postulam regras de derivação entre elas.

(9) a. “Segundo ele, o PT amadureceu como partido político e soube transformar os direitos previstos em a Carta em ações” (Corpus do Português)

b. “Em um piscar de olhos, ela sumiu.” (Corpus do Português)

c. “José desmaiou e só acordou a as 6h de o dia seguinte” (Corpus do Português)

A abordagem construcionista também possibilita prever que a construção ergativa se combinará com outras construções cujas funções sejam compatíveis. Uma combinação possível, atestada por dados de uso real, é da construção ergativa com advérbios de modo como ‘fácil/difícil’:

(10) “meu cabelo é muito fino e quebra fácil.”

Essa combinação de construções comunica que um participante ou objeto tem características ou propriedades que o tornam passível de uma mudança de estado.

### 3.2 A CONSTRUÇÃO PASSIVA

A construção passiva é outra construção de estrutura argumental cuja produtividade (nesse caso, quase como regularidade) restrita desafia as abordagens tradicionais. Abordagens formalistas, baseadas em regras estruturais cegas ao significado, postulam que a passiva é uma construção derivada de regras de transformação com base na construção transitiva (Chomsky, 1993, 1995; Collins, 2005; Carnie, 2007), mas esbarram no problema de transitivas que não passivizam (11a), apesar de reunir todas as condições estruturais para isso, e de passivas que não possuem transitiva correspondente (11b):

(11) a. Bernardo tem uma irmã./ \*Uma irmã é tida por Bernardo.

b. “Um filme de ficção científica inovador que foi completamente incompreendido há 24 anos” (<https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-1000145508/>)

Abordagens lexicalistas também não se saem melhor nessa empreitada. Ao tentar explicar a passiva por meio de propriedades semânticas de classes de verbos previamente definidas, essas abordagens não conseguem subscrever a construção a um conjunto homogêneo de classes. Foge ao seu entendimento, por exemplo, que verbos supostamente “estativos” possam elaborar a construção em alguns contextos:

(12) “Sem poderes sobre-humanos ou qualquer passado, Funky foi tido por muitos como uma sátira de Stan Lee, embora essa informação não seja canônica.” (Corpus do Português, vide Ciríaco e Guimarães de Lima, 2025)

Apenas uma abordagem baseada no uso tem poder explanatório para explicar a produtividade restrita da construção passiva, cuja função é dar proeminência a um argumento paciente, em um contexto em que o agente é menos importante (Ciríaco, 2021; Ciríaco e Guimarães de Lima, 2025). Com base na função, é possível prever que: i) uma leitura de afetado para o argumento em posição de sujeito será enfatizada; ii) quanto mais agentiva for a conceitualização ou percepção do evento pelo falante, mais afetado será o participante sujeito, e, portanto, mais aceitável será a construção passiva; entre outras previsões (Ciríaco e Guimarães de Lima, 2025). Só o reconhecimento da função da construção permite explicar dados como (11) e (12), pois se trata de olhar para a

construção de forma direta (não por meio de mecanismos de transformação) e de uma questão de construto e conceitualização (não de especificação prévia de classes lexicais).

#### 4 EXTENSÕES DA CONSTRUÇÃO TRANSITIVA

##### 4.1 A CONSTRUÇÃO ‘CORTEI O CABELO’

Extensões da construção transitiva são construções que partem do sentido transitivo, mas adquirem um sentido específico ou incomum motivado pelo uso. Um exemplo é a construção ‘cortei o cabelo’ (Ciríaco, 2014; Maciel et al 2022; Maciel, 2024; Ciríaco e Maciel, manuscrito), que apresenta a forma transitiva, mas com um sentido bem específico: o de que o referente do argumento sujeito teve seu cabelo cortado e não que ele mesmo tenha cortado seu cabelo. Esse sentido não é incomum pois ocorre em outras línguas não relacionadas como o inglês (‘I cut my hair’) e o albanês (‘(Unë) preva flokët’), além do italiano (‘Ho tagliato i capelli’). Outros exemplos, em que a construção aparece sublinhada, são:

(13) “Peguei um empréstimo e já consertei o carro. Não temos seguro. Não acho que foi tentativa de assalto. (Corpus do Português, vide Ciríaco e Maciel, manuscrito)

(14) “No mês passado, pintamos a casa” (Corpus do Português, vide Ciríaco e Maciel, manuscrito)

Em geral, abordagens formalistas explicam essas sentenças a partir de regras que postulam que elas são derivadas de outras estruturas. Assim, ‘eu cortei o cabelo (com o cabeleireiro)’ e ‘a menina cortou o cabelo (com o cabeleireiro)’, por exemplo, seriam basicamente derivadas de ‘o cabeleireiro cortou o meu cabelo’ e ‘o cabeleireiro cortou o cabelo da menina’, como resultado de uma operação de alçamento do argumento possuidor para a posição de sujeito (Pontes, 1986, 1987; Lunguinho, 2006; Rodrigues, 2023). Um desafio seria explicar que o sentido da construção não pode ser passivizado mesmo estando associado a uma forma transitiva:

(15) Eu cortei o cabelo -> ??O cabelo foi cortado por mim (no sentido relevante)

Já abordagens lexicalistas costumam enfatizar como restrição ou propriedade definidora o papel de beneficiário usualmente associado ao argumento sujeito (Cançado, 2006). Entretanto, esbarram no problema de que nem sempre o argumento em posição de sujeito é o beneficiário do evento descrito, como mostram os seguintes exemplos:

(16) “sensação de missão cumprida - reformei a casa da minha mãe e tá finalmente tudo pronto” (Twitter/X @cezarberje, 20 de dezembro de 2020)

(17) “Um dos reis do açúcar na época, o francês Jacques Telesphore Roman, construiu a casa para dar de presente a sua noiva” (Corpus Brasileiro, Sketch Engine)

Apenas uma abordagem baseada no uso, que reconhece a função da construção, pode explicar por que o usuário da língua usa a construção ‘cortei o cabelo’ e constatar a

motivação de suas propriedades. A função, qual seja, comunicar de forma concisa que um serviço foi realizado, deixando claro que se foi responsável pela realização dele (Ciríaco e Maciel, manuscrito), nos permite prever: i) a escolha da forma transitiva, que é motivada e não arbitrária; ii) o sentido da construção, que enfatiza o resultado obtido; iii) o fato de que nem todos os verbos podem ocorrer na construção, mas apenas aqueles que descrevem serviços relevantes socialmente. A função também explica a impossibilidade de o sentido da construção ser passivizado, na medida em que há choque de funções entre as construções. Para pesquisas futuras, sugere-se uma checagem histórica sobre como o surgimento do uso da construção foi possibilitado.

#### 4.2 A CONSTRUÇÃO ‘CASANDO A AMIGA’

A construção ‘casando a amiga’ é uma extensão da construção transitiva que apresenta um sentido especial em que o argumento em posição de sujeito é apenas um participante do evento descrito. Esse sentido é bastante incomum - ao que tudo indica, apenas o português apresenta esse uso:

(18) “De ontem, pouco antes de casar meus amigos” (Instagram, 2023)

Em estudo anterior (Ciríaco et 2022), analisamos a construção como um subtipo da construção ‘cortei o cabelo’, incluindo em seu sentido instâncias como ‘os pais casaram/batizaram os filhos’. Acontece que nessas instâncias o falante ainda atribui a responsabilidade para os pais, o que difere do sentido da construção ‘casando a amiga’, em que o argumento sujeito apenas participa do evento, sem nenhuma responsabilidade. É esse sentido, de ‘participação’, que notamos como especial e entendemos que deve ser tratado como é: único e incomum, pois só assim se pode prever as observações sobre seu uso de forma direta, sem estipulações.

Ao tentar absorver exemplos excepcionais a padrões já estabelecidos, perdem-se importantes implicações sobre o uso em questão. Por exemplo, apenas uma abordagem baseada no uso, que reconhece a função da construção, pode explicar a relação de herança com a forma transitiva, o sentido da construção, que é restrito a eventos sociais altamente relevantes (Ciríaco, 2023), o fato de o sentido da construção não poder ser passivizado, entre outras propriedades:

(19) ?? Minha amiga foi casada por mim (no sentido relevante)

O exemplo em (19) mostra que uma construção passiva não é possível, pois não pode significar algo como: ?? o casamento de minha amiga foi participado por mim. A razão tem a ver com o choque de funções entre a construção ‘casando a amiga’ e a construção passiva.

Em resumo, argumentamos que apenas a função da construção pode explicar esses e outros fatos, como detalharemos em trabalho futuro.

## 5 OUTRAS CONSTRUÇÕES DE NICHOS

Adicionalmente a construções de estrutura argumental prototípicas e amplamente esquemáticas, que codificam tipos eventivos básicos da experiência humana, as línguas também apresentam outras construções com sentidos mais restritos (Hoffmann, 2020) e funções mais específicas (Goldberg, 2019), que são chamadas de construções de nicho. Um exemplo são as construções “frase como lema” (do inglês PAL ou Phrase as Lemma, cf. Goldberg e Shirtz, 2025), que apresentamos aqui como agenda para pesquisa futura em português.

A ideia dessa construção é tratar uma expressão como se ela fosse uma palavra do ponto de vista sintático (e não uma expressão como ela verdadeiramente se apresenta), dando a entender que essa expressão teria, supostamente, o sentido de uma só palavra (ou seja, um lema). Para simplificar, é como se nos faltasse uma palavra para descrever algo e usássemos uma expressão ou frase inteira como se fosse uma unidade:

**thaisbasile.psi** "Mas Thais, faz mal chamar de amiga? Uma coisa tão boa?"

A gente precisa sair do mal- bem e do pode - não pode nas relações parentais e nos conteúdos de Internet. Faça o que você achar melhor e o que fizer sentido pra você ♡ aqui estou falando da minha experiência.

Figura 1: Exemplo de construção frase como lema (‘mal-bem e pode-não pode’)  
Fonte: Instagram (@thaisbasele.psi)

Esse tipo de construção é por si só um problema para outras abordagens, pois trata-se de uma unidade que é maior do que uma palavra, mas que ocupa o espaço sintático e veicula o sentido de uma. Por outro lado, quando se reconhece a função da construção, todas as suas propriedades se desenrolam naturalmente, como mostram Goldberg e Shirtz (2025) para o inglês. Os autores mencionam sua existência em outras línguas não relacionadas, como o português, chegando até a reconhecer diferenças na forma (em português, constatam que PALs vêm usualmente precedidas da preposição ‘de’, como mostra o exemplo dado acima), mas admitem que apenas um novo estudo pode verificar se a função coincide.

De fato, é preciso um novo estudo para descrever e explicar as peculiaridades da construção “frase como lema” em português. Por exemplo, em português, a construção pode vir precedida pela preposição ‘de’, mas não necessariamente, como mostra a Figura 2 a seguir, em que a construção aparece numa posição semelhante à que aparece em inglês (como modificador de um nome):



Figura 2: Exemplo de construção frase como lema (“menos tela”)  
Fonte: Instagram (@imaginaso.oficial e @caminhodomeiooficial)

Além disso, o português apresenta muitas ocorrências da construção após a expressão ‘do tipo’, como pode ser ilustrado por:

(20) “Aquele estresse quando uma pessoa do tipo “pra ontem” (Corpus do Português)

Mas também pode apresentar ocorrências na posição inusitada de complemento sentencial:

(21) “Aquele estresse quando uma pessoa do tipo “pra ontem” tem que trabalhar com outra que “enquanto tiver amanhã e depois, tá bom”.” (Corpus do Português)

Outra particularidade da construção em português é o fato de ela poder ocorrer como núcleo de sujeito:

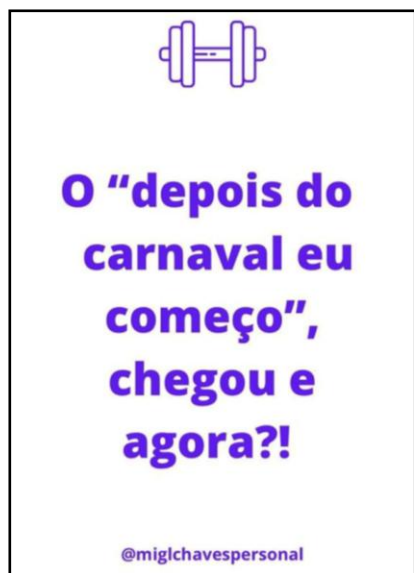


Figura 3: Exemplo de construção frase como lema (‘depois do carnaval eu começo’)  
Fonte: Instagram (@migichavespersonal)

Todas essas particularidades serão objeto de estudo futuro, mas argumentamos de antemão que apenas uma abordagem construcionista baseada no uso pode explicar a construção “frase como lema” em português e outras línguas.

## 6 CONCLUSÕES

Neste artigo, argumentamos que a descrição linguística tem muito mais a ganhar quando trata exemplos excepcionais exatamente como eles são: únicos e incomuns. Ao se reconhecer a singularidade de uma construção, podemos reconhecer também, sem artifícios, sua função, e constatar que todas as suas propriedades de forma e significado são, na verdade, motivadas ao invés de arbitrárias. Usamos vários exemplos ao longo do artigo para ilustrar o poder explanatório de uma abordagem construcionista baseada no uso frente a abordagens formalistas e lexicalistas, e para mostrar como a função motiva a sintaxe e a semântica tanto no caso de padrões mais gerais como as construções de estrutura argumental ergativa e passiva, como nos casos de padrões oracionais mais especiais como as extensões da construção transitiva “cortei o cabelo” e “casando a amiga”, com base em estudos anteriores e com indicações de temas para pesquisas futuras. Por fim, também abrimos uma agenda de estudos futuros com exemplos em português de uma construção inovadora, recentemente descrita em inglês por Goldberg e Shirtz

(2025): a construção “frase como lema”. Não temos dúvidas de que uma abordagem construcionista baseada no uso terá muito a revelar sobre sua sintaxe e semântica únicas, que podem até ser específicas, mas muito provavelmente trazem implicações bem gerais.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, D. O.; PINHEIRO, D. O. R. Produtividade construcional: o papel do coverage morfofonológico na extensibilidade de categorias construcionais. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 45, p. 1-26, e-22455, 2023.
- BARÐDAL, J. *Productivity: Evidence from case and argument structure in Icelandic*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 2008.
- CANÇADO, M. . Talking about Agents and Beneficiaries. In: Rara & Rarissima Conference/Max Planck Institute, 2006, Leipzig. Disponível em: <<http://email.eva.mpg.de/rara2006/abstracts.html>>.
- CARVALHO, W. B., RUA, R. B., PINHEIRO, D., OLIVEIRA, D. Motivação e não sinonímia em gramática de construções: o caso das construções [se fazer de x] e [dar uma de x] *Revista Confluência*, número 68, 2025.
- CIRÍACO, L. A construção “casando a amiga” em português. Trabalho apresentado no Simpósio linguagem, cognição e uso: abordagens cognitivo-funcionais em gramática de construções - XIII Congresso Internacional da ABRALIN, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2023.
- CIRÍACO, L. O papel de fatores funcionais na compatibilização semântica entre verbo e construção de estrutura argumental passiva em português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 63. 2021.
- CIRÍACO, L. A família de construções ergativas no português. *PERcursos Linguísticos*, v. 7, n. 14, p. 421-435, 2017.
- CIRÍACO, L. A construção transitiva de sujeito agente-beneficiário no português brasileiro. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 19, n. 2, p. 83-98, 2015.
- CIRÍACO, L. A construção transitiva em PB: associando a gramática de construções à decomposição lexical. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 58, n. 2, 2014.
- CIRÍACO, L. A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB. Tese de Doutorado, UFMG, 2011.
- CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. A alternância causativo-ergativa no português brasileiro. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009
- CIRÍACO, L., SÁ, T., SANTOS, C. Casar x Noivar: uma análise baseada no uso para a construção de ação causada em português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 30 n. 2, 2022.
- CIRÍACO, L.; GUIMARÃES DE LIMA, Y. The passive construction in Brazilian Portuguese: function explains its distribution and frame semantics influences its acceptability. *DELTA*, v. 41 n. 2, 2025.
- CIRÍACO, L.; MACIEL, I. A construção ‘cortei o cabelo’ em português. Manuscrito submetido à publicação.
- CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In Hale K. & Keyser S. J.(Eds.), *The view from building 20*, p. 1-52. Cambridge, MA. MIT Press, 1993.

- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. MIT Press, 1995.
- COLLINS, C. A smuggling approach to the passive in english. *Syntax*, 8(2), 81–120. 2005.
- CARNIE, A. *Syntax: A Generative Introduction*. USA: Blackwell, 2007.
- DAVIES, M. *Corpus do Português: NOW*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. 2016-. Acesso em: novembro de 2025.
- GODOY, L; PINHEIRO, D. A rede gramatical das construções com se no português brasileiro. *SOLETRAS*, número 45, jan.-abr. 2023.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago, EUA: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Explain me this: Creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.
- GOLDBERG, A.; HERBST, T. The Nice-of-You Construction and Its Fragments. *Linguistics*, 59. De Gruyter: 285–318, 2021.
- GOLDBERG, A.; SHIRTZ, S. The English Phrase-As-Lemma Construction: When A Phrase Masquerades As A Word, People Play Along. *Language*, volume 101, number 2, 2025.
- HOFFMANN, T. & TROUSDALE, G. (eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- HOFFMANN, T. *Construction Grammar: The Structure of English (Cambridge Textbooks in Linguistics)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- HOFFMANN, T. ‘Marginal Argument Structure constructions: the [V the Ntaboo-word out of]-construction in Post-colonial Englishes.’ *Linguistics Vanguard* 2020.
- LUNGUINHO, Marcus V. 2006. Partição de constituintes no português brasileiro: características sintáticas [Partition of constituents in Brazilian Portuguese: Syntactic characteristics]. In da Silva, Denise (ed.), *Língua, gramática e discurso [Language, grammar and discourse]*, 133–147. São Paulo: Cânone.
- MACIEL, I. A construção ‘cortei o cabelo’ em português. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2024.
- MACIEL, I.; CIRÍACO, L; SANTOS, C. “Cortei o cabelo ou tive o cabelo cortado?”: Corpus- Based Analysis for the Caused-Action Construction in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Linguística*, v. 3, n. 1, p. e665, 21 Dec. 2022. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/665>.
- MATOS, E. E., TORRENT, T. T., ALMEIDA, V. G., et al. Constructional analysis using constrained spreading activation in a FrameNet-based structured connectionist model. In *The AAAI 2017 Spring Symposium on Computational Construction Grammar and Natural Language Understanding Technical Report SS-17-02 (pp. 222–229)*. Volume 17. Palo Alto, CA: AAAI Publications, 2017.
- MICHAELIS, L. A.; LAMBRECHT K. Toward a Construction-Based Model of Language Function: The Case of Nominal Extraposition. *Language* 72:215-247. 1996
- MICHAELIS, L. A. *Sign-Based Construction Grammar*. In B. Heine and H. Narrog, (eds.), *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p.155-176.

- MIRANDA, N.; SALOMÃO, M. M. M. (Orgs.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- OLIVEIRA, Diego. Desvendando a estrutura informacional de [até x] em português, em uma perspectiva baseada no uso Soletas n. 45, 2023.
- PEREK, F.; GOLDBERG, A. Linguistic generalization on the basis of function and constraints on the basis of statistical preemption. *Cognition*, 168, 276–293, 2017.
- PERINI, M. A. Ergativas e medias em português. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 18, n. 16, p. 13-34, 2005.
- PONTES, E. *O topico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- RODRIGUES, C., “Possessor raising and structural variations within the vP domain”, *Glossa: a journal of general linguistics* 8(1). 2023.
- SUTTLE, L.; GOLDBERG, A. E. The partial productivity of constructions as induction. *Linguistics*, 49, 6, 2011. pp. 1237-1269.
- SAMPAIO, T. F. 2010. *A Família de Construções de Argumento Cindido no Português do Brasil*. Ph.D. dissertation, Department of Linguistics, Federal University of Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brazil.

**Agradecimento:** A autora agradece as sugestões do parecerista anônimo que avaliou este artigo. Erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

**Recebido em:** 08/11/2025

**Aprovado em:** 23/12/2025

**Publicado em:** 08/01/2026